

***O caminho da servidão* e a carta de Henry Maksoud para Hayek: um olhar a partir da história das ideias**

the road of serfdom and Henry Maksoud's letter to Hayek: a look from the history of ideas

Fernando Coelho

Doutorando em História
Universidade Federal do Paraná
fermcoelho@hotmail.com

Recebido em: 05/07/2020

Aprovado em: 05/11/2020

Resumo

A obra do economista austríaco Friedrich August von Hayek intitulada *O Caminho da Servidão* foi primeiramente publicada no Brasil em 1946, tendo sua segunda edição em 1977. O ano de 1977 coincide com algumas visitas que Hayek fez ao país para difundir seu pensamento econômico, sendo uma das principais balizas da corrente que ficou conhecida como neoliberalismo. Considerando estes aspectos, este artigo, amparado pelo referencial teórico da História das Ideias pretende explorar como fonte histórica cartas trocadas entre o empresário brasileiro Henry Maksoud e o autor de *O Caminho da Servidão*. A hipótese é que através da leitura que Maksoud fez de *O Caminho da Servidão* despertou o interesse em financiar as vindas de Hayek ao Brasil para difundir seu pensamento entre as elites empresariais. É necessário fazer uma análise crítica do pensamento de Hayek, considerando que o neoliberalismo é responsável pelas desigualdades sociais e injustiças sociais, promovendo disparidades importantes do sistema capitalista.

Palavras-chave: cartas; História das Ideias; Hayek.

Abstract:

The book of the Austrian economist Friedrich August von Hayek entitled *Road to Serfdom* was first published in Brazil in 1946, having its second edition in 1977. The year 1977 coincides with some visits Hayek made to the country to spread his economic thought, being one of the main goals of the ideals that became known as neoliberalism. Considering these aspects, this article, supported by the theoretical framework of the History of Ideas, intends to explore as historical source letters exchanged between the Brazilian businessman Henry Maksoud and the author of *Road to Serfdom*. The hypothesis is that, through Maksoud's reading of *The Road of Serfdom*, the interest in financing Hayek's visits to Brazil to spread his thinking among business elites was aroused. It is necessary to make a critical analysis of Hayek's thought, considering that neoliberalism is responsible for social inequalities and social injustices, promoting important disparities in the capitalist system.

Palabras clave/Keywords: letters; History of Ideas; Hayek.

Introdução

O objetivo deste artigo é propor uma discussão teórica/metodológica que compreenda as possibilidades analíticas que a História das Ideias pode trazer ao estudo da inserção do pensamento de Friedrich von Hayek no Brasil. Delimitarei neste artigo duas fontes para análise. A primeira uma carta enviada pelo empresário Henry Maksoud para o economista austríaco Friedrich von Hayek discutindo suas ideias e convidando-o para vir ao Brasil para uma série de palestras e conferências em 1977. Parto da hipótese de que a escolha feita por Henry Maksoud para trazer Hayek ao Brasil tem correspondência com a leitura da obra *O Caminho da Servidão* por Henry Maksoud (obra publicada no Brasil em 1946). Desta forma, a segunda fonte utilizada neste artigo refere-se ao capítulo cinco da obra, onde é possível perceber algumas correspondências com as argumentações realizadas por Henry Maksoud na carta a respeito de conceitos como “liberdade” e “democracia”. Em um espectro mais amplo pode-se pensar a inserção do pensamento de Hayek no Brasil através das leituras feitas por Henry Maksoud que o motivaram a trazer o intelectual ao país e fazendo com que suas ideias fossem recepcionadas por círculos empresariais e acadêmicos.

Primeiramente, irei circunscrever o objeto de estudos dentro do campo teórico da História das Ideias. Considerando a ampla possibilidade de análises que perpassa este campo historiográfico, optei por concentrar nesta reflexão as contribuições da Escola de Cambridge, principalmente a partir de John Pocock e Quentin Skinner, com reflexões a respeito da utilização de análises a partir das palavras-chave e do contextualismo¹.

Para a análise dos trechos da obra *O Caminho da Servidão* e da correspondência enviada por Henry Maksoud para Friedrich von Hayek, entendo que a escolha da vertente inglesa do contextualismo linguístico apresenta maior potencialidade explicativa na medida em que a abordagem teórica parece ser apropriada para pensar a obra e a circulação das ideias, bem como a recepção brasileira do pensamento de Hayek.

¹ Foi com os "contextualistas" ingleses – sobretudo com os trabalhos de História das Ideias Políticas desenvolvidos por Quentin Skinner, John Dunn e John Pocock – que surge a proposta de que as ideias deveriam ser sempre e necessariamente relacionadas diretamente aos seus contextos de enunciação, uma vez que os ambientes históricos e culturais sempre influenciam extraordinariamente a escolha das questões a serem estudadas e, sobretudo, a formatação da própria linguagem mais específica dentro da qual um debate de ideias se realiza (BARROS, 2005, p.18).

Uma breve discussão a respeito da história das ideias

Nesta seção, situarei o objeto de estudos dentro do campo historiográfico da História das Ideias. Para isto, utilizarei as contribuições de historiadores como José de Assunção Barros e Francisco Falcon. Barros trata a respeito das possibilidades proporcionadas pelo campo da História Cultural, onde se desdobram várias vertentes historiográficas, dentre elas a História das Ideias e suas múltiplas abordagens:

Entre outras possibilidades, pode-se estudar por exemplo as ideias políticas (a Democracia, o Estado Absoluto, as diversas trajetórias da noção de Liberdade ou de Igualdade nos vários períodos históricos), ou conjuntos teóricos mais abrangentes e acabados como o Positivismo. E vale ainda lembrar que as ideias podem ser examinadas pelo historiador no âmbito das produções individuais (uma História Intelectual propriamente dita) ou no âmbito de correntes de pensamento para as quais contribuíram grupos de indivíduos (o Iluminismo, o Liberalismo, o Socialismo) (BARROS, 2005, p.5).

Quando busco trazer a influência das ideias de Hayek a partir das leituras de suas obras pelos empresários brasileiros e posteriormente o impacto de suas visitas, e a circulação das suas ideias no Brasil, especialmente no período histórico que nos situamos, isto é, em meados dos anos 1970, estou tratando do surgimento de uma corrente de pensamento que posteriormente constituiu-se conceitualmente como neoliberalismo. Neste artigo não me aprofundarei no conceito de neoliberalismo, nem na discussão histórica que veio a forjá-lo, mas tratarei de pensar como o campo da História das Ideias pode dar conta de situar o pensamento de Hayek e problematizá-lo historicamente. Pensando os temas que perpassam as preocupações de Hayek, Francisco Falcon aponta que as ideias são produtos socialmente determinados².

Neste aspecto, temos a leitura que inicialmente Henry Maksoud fez das obras de Hayek, que levou ao interesse do empresário em trazer o economista austríaco ao Brasil. De acordo com José D'Assunção Barros:

De todo modo, e de uma maneira ou de outra, a leitura é também um ato criador, e está longe de ser uma ação passiva. Esse é também um objeto de interesse historiográfico. A História das Ideias possibilita, por exemplo – entre

² Com efeito, Comte e Stuart Mill, Spencer e Buckle, Marx e Engels, se bem que em claves diferentes, postulam para as ideias explicações que, embora muito distintas, possuem uma premissa comum: as ideias são produtos socialmente determinados; não constituem uma esfera distinta e separada da existência social (origem divina, dependência da alma, da consciência ou da natureza humana). Por outro lado, investidas de funções autônomas ou distintas, ou mesmo “especializadas”, as ideias dão unidade estrutural à história (FALCON, 1998, p.153-154).

outras temáticas de pesquisa – estudar a leitura de um autor sobre outro (BARROS, 2019, p.100-101).

Sobre a leitura de um autor sobre outro, guardadas as devidas proporções do alcance das obras e das ideias, é possível correlacionar as correspondências com a forma com que Henry Maksoud articula as ideias presentes nas obras de Hayek. Estas ideias se articulam com os argumentos do empresário, inclusive como forma de convencimento para o austríaco aceitar o convite para visitar o país. As ideias se apresentam de forma elogiosa e alinhadas ao pensamento de Hayek, transparecendo para o austríaco que seu pensamento estava sendo bem aceito pelos círculos empresariais brasileiros. A forma de captação destas leituras também pode ser explorada nos editoriais escritos por Henry Maksoud, e nas publicações em jornais e revistas que noticiaram e apreciaram suas ideias. Outro fator de captação da leitura não se refere apenas ao campo da mídia jornalística. Temos o campo acadêmico, onde o pensamento de Hayek foi aceito e debatido por nomes como Eugênio Gudín, Roberto Campos e Octávio Gouvêa de Bulhões, entre outros intelectuais.

Ao lado das leituras singulares, como as realizadas por Henry Maksoud, compreendo que o sistema de pensamento de Hayek assume um alcance mais amplo a nível global, em grande parte devido ao reconhecimento da comunidade científica em meados dos anos 1970, depois de o austríaco ser agraciado com o prêmio Nobel de Economia em 1974. Existe um grande sistema de pensamento no qual Hayek está inserido, possuindo diversas correntes que, além do diálogo com o discurso econômico, estão envoltas em questões políticas, históricas, filosóficas, que, por diversas vezes, surgem nos escritos de Hayek. O autor também recebe a influência de outros intelectuais que compartilham de ideias correlacionadas.

Observamos a presença de grandes correntes de pensamento inseridas na narrativa de Hayek, bem como se ampliam essas possibilidades na medida em que é lido e aproximado aos interesses das elites que passaram a adotar seu sistema de pensamento. Podemos recorrer às contribuições de Quentin Skinner para pensar um contexto mais específico, como no caso da inserção do pensamento

de Hayek no Brasil e suas relações com as dimensões que extrapolam o economicismo, abrindo para um panorama de ideias que se inter-relaciona com questões políticas, sociais e culturais³.

Quentin Skinner e John Pocock como suporte de análise

Nesta seção, o objetivo é aprofundar a reflexão teórica/metodológica referente à vertente da História das Ideias conhecida como contextualismo inglês, ou escola de Cambridge, apresentando inicialmente os métodos de análise discutidos por John Pocock e Quentin Skinner.

No entanto, para as tradições contextualistas, é necessário ao historiador aprender uma série de linguagens para conectá-las ao contexto, e assim, perceber, ao longo do tempo, como as linguagens vão se modificando de acordo com tensões presentes no contexto. Este é, para John Pocock, um ponto chave do métier do historiador:

É do métier de nosso historiador aprender uma série de linguagens e estabelecê-las como contextos em que são efetuados os atos de enunciação. Ele precisa agora de meios para entender como os atos modificam os contextos nos quais são efetuados, e como algumas dessas modificações conduzem à criação e à difusão de novas linguagens e novos contextos (POCOCK, 2003, p. 74).

Quando Pocock fala de novas linguagens e novos contextos podemos considerar a transformação de conceitos como “democracia”, “liberdade” e “planejamento”, em que devemos refletir sobre a modificação destes conceitos a partir da introdução do pensamento neoliberal. Em um novo contexto de enfraquecimento do modelo interventor da Ditadura Militar, e de acordo com as argumentações estabelecidas pelos empresários, principalmente por Henry Maksoud, percebe-se como as elites se apropriam dos conceitos de Hayek e os re-contextualizam na discussão do pensamento econômico brasileiro da virada dos anos 1970 para 1980. Estas oscilações e as formas como os conceitos de Hayek são escolhidos e operacionalizados no discurso são objetos que não devem ser esquecidos na análise histórica, isto porque as mudanças de linguagens reforçam a influência que um determinado sistema de pensamento passa a ter em um determinado contexto.

³ Das ideias tomadas singularmente, passamos em seguida aos sistemas de pensamento mais amplos – aqueles que se verificam ao nível do 'pensamento sistematizado' de um autor, e aqueles que já correspondem aos grandes movimentos – tudo isto se abrindo a possibilidades de abordagens relacionadas às ideias políticas, filosóficas, estéticas ou científicas. Em um nível maior de abrangência, poderiam ser citadas inúmeras obras que buscam trazer dentro de algum contexto específico um panorama de ideias relacionadas a uma determinada dimensão (política, filosófica, estética), como fez Quentin Skinner – um dos mais destacados historiadores das ideias – para o estudo das ideias políticas (BARROS, 2005, p.18).

Aprofundando a discussão sobre o método, Quentin Skinner alerta a respeito do historiador não se aproximar dos objetos com paradigmas pré-concebidos:

A dificuldade com a qual me preocupo aqui, portanto, é que além de inescapável, é perigoso para os historiadores das ideias se aproximarem de seus objetos com paradigmas preconcebidos. Será evidente agora que o momento no qual surgem tais perigos é aquele no qual o historiador começa a ignorar certas considerações gerais aplicáveis a tarefa de apresentar e compreender afirmações. Uma reflexão sobre tais questões me permitirá resumir as lições metodológicas nas quais, até agora, procurei insistir. Uma dessas considerações é que não se pode afirmar, a respeito de nenhum agente, que tenham dito ou feito algo que jamais poderiam aceitar como uma descrição acertada daquilo que fizeram ou pretenderam dizer (SKINNER, 2017, p.384).

Buscarei, primeiramente, compreender as transformações dos contextos através dos atos (posicionamento dos empresários brasileiros contra o governo militar e aproximação das ideias de Hayek para estabelecer a discussão), e as práticas discursivas e narrativas que levaram à formação de novas linguagens amparadas no pensamento de Hayek. Estas linguagens possuíam um sentido específico (espacial e temporal, no Brasil de 1977 até a década de 1980), passando por mudanças de contexto confrontadas por diferentes tensões existentes no período histórico da transição da ditadura militar para a democracia. A citação acima repousa numa preocupação do historiador em que, ao conhecer a sucessão de acontecimentos posteriores ao recorte da análise histórica e compreender o sistema de pensamento de forma mais profunda, devido ao fato de estar distanciado temporalmente do período de estudo, pode-se conceber, antes da análise, paradigmas construídos *a priori* e que podem deturpar a análise das fontes. São cuidados necessários. Compreendo que o historiador não está isento da imparcialidade, porém, é necessário o rigor científico ao analisar as fontes e extrair delas suas conclusões, sem moldá-las para construir uma narrativa a partir de valores e ideias pré-concebidos, direcionando as vozes presentes nas fontes de forma imprecisa. Estas recomendações devem estar presentes durante todo o processo de análise, são questões básicas que desafiam o historiador que não pode se desvencilhar de suas experiências intelectuais e de vida, as quais contribuem positivamente para a análise histórica, no entanto, não podem determinar valores pré-concebidos que influenciem negativamente na construção da pesquisa histórica.

Portanto, após o historiador das ideias estar munido destas reflexões, bem como compreender um determinado contexto de formação de novas linguagens, cabe a ele identificar os

inovadores que promovem estas mudanças. John Pocock aborda a relação entre os pensadores inovadores e a formação de novas linguagens:

Alguns grandes inovadores, como Platão ou Marx, criam e difundem novas linguagens graças ao fato de se tornarem autoridades. Outros, como Maquiavel ou Hobbes, graças ao fato de se tornarem adversários, pois para refutá-los se faz necessário que nasçam novas linguagens. E tais autores, deve-se lembrar, são inovadores tanto no campo contextual quanto no textual. Eles sugerem novos modos de discurso que são percebidos como carregados de implicações inovadoras em contextos linguísticos que não aqueles em que haviam discursado de início (POCOCK, 2003, p.79).

É possível pensar Hayek como um desses inovadores, tanto textualmente, para depois avançar contextualmente. Vale lembrar que, antes de escrever *O Caminho da Servidão*, Hayek teve um breve embate teórico com John Maynard Keynes⁴, em que suas ideias tiveram pouca repercussão, sobretudo nos anos 1940, 1950 e 1960, mas que ganharam autoridade nos anos 1970, justamente com a crise do sistema de pensamento hegemônico até então. No contexto brasileiro, do qual nos ocupamos, percebemos as preocupações dos seus leitores em prepararem um novo projeto de sociedade baseado em valores neoliberais, os quais, discursivamente, apropriam-se dos elementos textuais de Hayek para construir todo um rol de linguagens originadas de suas obras. Associado ao contexto brasileiro em que os empresários usaram suas ideias, outra recomendação teórica repousa em observar o contexto em que Hayek escreveu suas obras a serem analisadas para compreender o que John Pocock descreve como “lance”:

O historiador precisa, portanto, de meios para compreender como um ato de fala é efetuado num determinado contexto linguístico e, em particular, como atua e inova sobre ele.

Quando um autor efetua um ato dessa natureza, costumamos dizer que ele executou um “lance”. (...) O contexto linguístico reafirma a si próprio e interage com crescente complexidade com o contexto da experiência. O historiador parte agora em busca dos modos pelos quais um ato de fala pode inovar sobre e no interior de um contexto constituído por várias linguagens em interação ou, de forma mais direta, dos modos pelos quais ele pode inovar em várias linguagens ao mesmo tempo. “Lances” desse tipo serão lances de tradução, de passagem direta ou indireta de uma linguagem disponível para outra. Um termo crucial, um *topos* ou um padrão de enunciação, pode ser traduzido do contexto de um idioma para o de outro. Isto é, pode ser simplesmente deslocado para um novo contexto e deixado ali, para nele sofrer as modificações que tiver de sofrer (POCOCK, 2003, p.39-41).

⁴ É pouco sabido, fora dos círculos intelectuais especializados, que Hayek foi, ao mesmo tempo, amigo e duro crítico de Keynes. Nos anos 1930 e 1931, atacou o *Tratado sobre a Moeda* deste último (ainda não a obra de imenso sucesso, que seria a grande síntese keynesiana, a *Teoria Geral*, que somente apareceria em 1936) (CAMPOS, 1994, p. 50).

Indissociável à recepção da obra de Hayek no Brasil estão as diferentes traduções realizadas, e que não podem passar despercebidas pelo olhar analítico do historiador. Quando John Pocock fala em “lance”, ou seja, como o ato de fala é efetuado em um determinado contexto linguístico, devemos atentar a forma com que os leitores de Hayek no Brasil, como é o caso de Henry Maksoud, dialogam com as obras de Hayek. Maksoud assume a função de supervisor de tradução das obras que são publicadas pela Editora Visão e traduzidas pela equipe do Instituto Liberal. O ato de fala passa a ser um fator inovador no contexto, guiado pelas vozes que se apropriam de Hayek para construir um entendimento do contexto em que vivem e a formular questões baseadas nestas novas linguagens. As traduções de *O Caminho da Servidão* muito podem dizer sobre como se operacionalizavam os “lances” de tradução citados por Pocock, pois temos duas traduções diferentes da obra. A primeira, de 1946, realizada por Leonel Vallandro para a Editora Globo, com a segunda edição da obra em 1977 mantendo a mesma tradução. Entretanto, a edição de 1984, publicada pelo Instituto Liberal, tem a tradução realizada por Liliane de Moraes, José Ítalo Stelle e Anna Maria Capovilla, inclusive esta equipe de tradução é responsável pelas outras obras de Hayek publicadas nos anos 1980 pela Editora Visão. A tradução da edição de 1984 de *O Caminho da Servidão* é mantida até as edições atuais. Considerando o contexto de 1946, quando foi realizada a primeira tradução e o contexto de 1984, quando foi realizada a tradução feita pelo Instituto Liberal, temos dois momentos diferentes. Em 1946, o país passava a viver disputas relacionadas à herança varguista e tensões da transição à democracia, onde as ideias econômicas de Hayek eram desconhecidas, todavia, em 1984, o intelectual austríaco já era mundialmente conhecido e suas obras e ideias tinham um alcance muito maior, ao ponto de se tornarem hegemônicas dentro do pensamento econômico. Temos também implícito no ano de 1984 o viés da tradução feita pelo Instituto Liberal de tender para a defesa do modelo neoliberal, e a forma como o livro é traduzido pode evidenciar estes novos “lances” aplicados ao novo contexto. Neste artigo, não pretendemos avançar em detalhes sobre as diferentes traduções das obras, porém, usamos a tradução da edição de 1994, realizada pelo Instituto Liberal, cabendo uma análise mais cuidadosa dos diferentes aspectos das traduções posteriormente.

Diante dos pontos do pensamento contextualista de John Pocock e Quentin Skinner colocados até aqui, cabe ao historiador das ideias refletir sobre o lugar do pensamento ou da obra do autor em um determinado contexto, o qual não é fixo. Para isso, é necessário pensar as ideias do autor em movimento. Ao pensar os movimentos discursivos e narrativos estabelecidos através de

uma determinada obra ou ideia, o historiador pode constituir uma análise mais frutífera de como determinado discurso, através da utilização de palavras-chave e apropriação de conceitos passa, a fazer sentido específico no contexto, a partir de sua utilização. Neste cenário, a utilização de novos “lances” passa a adquirir uma importância ímpar na construção de novas linguagens, as quais podem perder o sentido quando o contexto se modifica, sendo necessária uma reapropriação das ideias do autor para estabelecer novas linguagens e novos “lances”. Podemos pensar a análise das obras de Hayek, como *O Caminho da Servidão*, a partir deste viés teórico, pois as diferentes traduções e apropriações da obra podem indicar sentidos específicos de acordo com o contexto e os interesses dos grupos que se apropriam destas ideias.

A utilização metodológica da carta de Henry Maksoud

Para a análise da carta deve-se considerar uma série de fatores que não se descolam dos procedimentos metodológicos, primeiramente, os cuidados que Hayek teve de guardar estas cartas em seus arquivos pessoais revelam o cuidado que teve com suas correspondências.

Na correspondência que recebemos, jogamos algumas cartas diretamente no lixo, outras são conservadas durante um certo tempo, outras enfim são guardadas; com o passar do tempo, muitas vezes fazemos uma nova triagem. O mesmo acontece com as nossas próprias cartas: guardamos cópias de alguma, seja em razão do seu conteúdo, seja em razão do seu destinatário (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Segundo Phillipe Artières a guarda das cartas se dá em razão de seu conteúdo ou de seu destinatário. Em relação a Friedrich Hayek, o qual possuía as cartas guardadas no seu acervo do Instituto *Hoover*, chamado *Hayek Pappers*, podemos atribuir ao conteúdo a razão pela qual Hayek guardou as correspondências, pois era Henry Maksoud que cortejava o economista austríaco e o convidou para vir ao Brasil, admirando suas ideias e fazendo questão de agradar o ilustre destinatário⁵. Porém, a preocupação de Hayek ao guardar as cartas muito quer dizer, além de mostrar que possuía uma boa organização do seu arquivo pessoal, com cuidado e capricho com as correspondências que trocava com diversas personalidades e intelectuais do período. Sobre o

⁵ As correspondências, ou trocas de cartas, também envolvem de alguma maneira uma outra escrita de si, com novas regras e práticas. Não é mais uma “escrita de si”, como o diário, nem a “escrita de si para um público”, tal como ocorre com o livro de memórias; trata-se, sim, de uma “escrita de si para o outro”. Também essa forma de escrita de si – ou melhor, essas “escritas de si cruzadas”, em cuja inserção dois indivíduos podem se expor menos ou mais abertamente um para o outro, dependendo do tipo mais específico de correspondências e de sua finalidade – envolve suas próprias histórias (BARROS, 2019, p. 263).

tratamento estabelecido entre remetentes e destinatários, devemos levar em consideração que podem existir intenções ocultas nas correspondências:

Longe de serem espontâneas, as cartas, ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal decodificada. [...] Criava e sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada à distância. Mas comportava, como todo diálogo, silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições (MALATIAN, 2017, p.197).

É necessário perceber nas cartas interesses implícitos entre os destinatários e remetentes, como a citação aponta, não se deve desconsiderar nas narrativas das cartas os silêncios e as rupturas estabelecidas entre os interlocutores. Além da troca de ideias e informações entre duas pessoas, as cartas podem fomentar toda uma rede de interações a partir das motivações que podem levar a influenciar um grupo de intelectuais⁶. A formação de uma rede pode ser considerada através da troca de cartas entre Henry Maksoud e Hayek, pois, as cartas motivaram a escrita de editoriais de Henry Maksoud para a Revista Visão, o convite para o brasileiro participar de reuniões da Sociedade Mont Pelèrin, e as próprias assertivas das vindas de Hayek para o Brasil. Bem como os acertos a respeito das publicações de obras de Hayek no país. As correspondências trocadas entre Maksoud e Hayek revelam importante porta da entrada do pensamento de Hayek no Brasil por uma série de eventos e publicações que derivaram das conversas estabelecidas entre Hayek e Maksoud. Traz a partir das cartas a formação de redes de comunicações entre grupos e indivíduos:

Trata-se de documentos escritos com a preocupação de alcançar um destinatário. Tal preocupação os torna testemunhos de redes de comunicações entre indivíduos e grupos. É o receptor quem irá provavelmente controlar sua preservação ou destruição, numa prática de memória implícita ou explícita no pacto epistolar e seus desdobramentos, os atos de escrever, enviar, receber, ler, responder e guardar cartas. Dentre as questões que se pode colocar a esse tipo de documentação está a de mapear, nas correspondências trocadas, as redes de sociabilidade nas quais os indivíduos se inserem e os vínculos existentes entre os correspondentes (MALATIAN, 2017, p. 203).

⁶ A correspondência comporta trocas de ideias, elaboração de projetos, sela pactos, expõe polêmicas, fixa rupturas. Pode-se detectar por meio dela as intrincadas redes de relações sociais que reúnem os seus autores. Isto é particularmente importante para o caso dos intelectuais, pois envolve sua rede profissional, onde ocorrem trocas de livros, opiniões, sentimentos diversos e firmam-se estratégias de atuação entre os pares. Por essa riqueza, a correspondência dos intelectuais renomados sempre foi valorizada e, mais recentemente, também a dos menos destacados, consideradas relevantes para o entendimento da circulação das ideias e dos homens nos espaços literários. Pelas cartas trocadas, percebe-se a organização de um grupo em torno de certos indivíduos que desempenham papel central a partir de um projeto ou objetivo comum (MALATIAN, 2017, p. 208).

Por fim, outra importante questão metodológica que não pode ser negligenciada é que as cartas devem ser sempre confrontadas com outros documentos e fontes, preocupação que mantenho nesta pesquisa, confrontando a obra *O Caminho da Servidão* com a segunda carta enviada para Hayek por Henry Maksoud.

Fonte ou objeto, as cartas devem ser sempre confrontadas com outros documentos. Assim se consegue alcançar uma percepção nuançada de seus objetivos, conteúdos e implicações, além de maior conhecimento de seu autor. Conhecer o texto e, sobretudo, unir as duas pontas da correspondência – a passiva e a ativa – entre dois indivíduos permitem a construção de um quadro analítico rico (MALATIAN, 2017, p.204).

[...]

Ainda que as cartas sejam dotadas de grande potencial expressivo, vale aqui a mesma regra de método usualmente empregada na historiografia: nenhum documento pode iluminar por si só um tema. A confrontação com outros documentos se impõe, abrindo ao historiador novas perspectivas e novos ângulos de compreensão. Tal procedimento também evita a ilusão de que o material obtido nas correspondências constitui verdade bruta, e inexplorada, confiável uma vez garantida sua “espontaneidade” e, portanto, sua “veracidade” (MALATIAN, 2017, p.205).

Partindo de tais concepções metodológicas a análise da carta a ser utilizada neste artigo considera estas premissas estabelecidas pelo referencial teórico que trata de tal temática. As cartas são importantes ferramentas de compreensão das ideias dos autores, e é uma forma de enxergar como os intelectuais se comportam fora das apresentações públicas ou das suas obras canônicas, revelando outras faces de um determinado autor ou afirmando suas convicções presentes nas obras.

O caminho da servidão e a carta de Henry Maksoud para Hayek

Procurarei, nesta seção, aproximar as ideias de Hayek presentes no capítulo cinco, intitulado *Planificação e Democracia*, da obra *O Caminho da Servidão*⁷, com a segunda carta enviada por Henry Maksoud para Hayek na data de 16 de setembro de 1977, na qual o empresário brasileiro convida o economista austríaco para vir ao Brasil proferir palestras e conferências. A proposta é trazer uma interação entre fontes diferentes, com a carta de Henry Maksoud para Hayek dialogando com a

⁷ Um livro, ao ser publicizado, interage com a sociedade como um todo, com grupos sociais e também com os indivíduos em sua especificidade. O último ponto da relação literatura-sociedade refere-se ao fato-limite de que, quando um ser humano se posiciona diante de uma obra literária para lê-la e interagir com ela, cada novo ato de leitura estabelece uma nova realidade literária, produto da combinação entre o que o autor escreveu e aquele leitor específico (BARROS, 2019, p. 100).

proposta de “democracia” presente no livro. Henry Maksoud, nesta correspondência, apresenta seu alinhamento ideológico com Hayek e toca em diversos assuntos, mas principalmente através da discussão a respeito da democracia:

Caro professor Hayek,

Como já mencionamos em nossa carta de 27 de junho, e conversas telefônicas, o Grupo Visão, em seu objetivo de divulgar no Brasil o verdadeiro conceito de democracia, gostaria de realizar um seminário sobre Democracia e liberdade de ação entre 28 de novembro e 2 de dezembro de 1977, em São Paulo, no Rio de Janeiro e, provavelmente, também em Brasília (MAKSOUND, 1977).

Antes de fazer o convite para Hayek, o início da carta demonstra os temas principais que o remetente intenciona tratar, sobretudo as relações entre democracia e liberdade. Interessante percebermos que Henry Maksoud se refere ao “verdadeiro conceito de democracia”. Qual seria então este verdadeiro conceito de “democracia” a que se refere o autor da carta? Compreendo que o conceito de democracia é plural, construído historicamente a partir de diversas apropriações e resignificações, além de se apresentar de forma fluida nas práticas sociais e políticas das mais diferentes sociedades ao longo do tempo. Nesta complexa discussão, Maksoud parece seguro ao afirmar o que para ele é o verdadeiro conceito, e dentro de uma estratégia narrativa, redige sua carta sinalizando que concorda plenamente com os posicionamentos de Hayek a respeito do tema:

Eu tenho tentado defender o conceito de que devemos ter uma fronteira muito clara entre as fontes de riqueza e poder. Desde que a democracia está sendo confundida com muitas coisas (incluindo o liberalismo europeu ou estilo Frency). Eu tenho tentado ser o mais objetivo e direto possível na definição de democracia como uma ideologia para colocá-lo como o sistema oposto ao socialismo (outra ideologia que hoje em dia também é chamada de capitalismo de Estado, comunismo, etc.). Costumo definir a Democracia como o sistema baseado na liberdade de iniciativa (como condição sine qua non) e em instituições políticas livres. A democracia pressupõe o direito à propriedade privada e também o direito de escolher como consumir, poupar e investir. Tenho enfatizado que a democracia não é igual ao liberalismo pluralista europeu, no qual os partidos totalitários podem usar livremente todos os instrumentos democráticos – normalmente para derrubar ou enfraquecer a democracia. Em nosso país, acredito que essas definições claras são muito importantes (MAKSOUND, 1977).

Maksoud, ao definir o que para ele é democracia, cria um dualismo quando afirma que tenta ser objetivo na definição de democracia como um sistema oposto ao socialismo. Ao fazer esta associação, remete a uma relação direta entre o sistema capitalista e a democracia. Com isto, o

conceito proposto por Henry Maksoud parte da premissa de que é o capitalismo que cria as condições para a democracia. É frágil a estratégia discursiva de Maksoud, pois deixa de fora diversos elementos e tensões que são inerentes ao desenvolvimento e ao jogo de poder capitalista, e que nem sempre estão associados com os regimes democráticos. Um grande erro ao fazer esta aproximação sem os cuidados necessários é que o conceito de democracia de Maksoud não leva em consideração os regimes autoritários em que o capitalismo opera. No ano em que escreveu a carta, o Chile já enfrentava a ditadura de Augusto Pinochet desde 1973, e já passava por uma experiência de aplicação de políticas econômicas neoliberais. Percebe-se que não havia uma preocupação de associar a democracia aos direitos e liberdades individuais dos cidadãos, nem ao direito de votar ou discutir os problemas políticos. Na segunda parte da citação, Henry Maksoud explicita que, para ele, o verdadeiro conceito de democracia existia apenas na esfera econômica. Deixa em evidência os elementos necessários para que exista a democracia, ancorados na iniciativa privada, no direito de poupar, consumir e investir. É evidente neste trecho da carta o alinhamento das ideias de Maksoud com o neoliberalismo e os interesses tácitos de garantir um modelo político em que a democracia está resumida ao benefício do capitalismo nacional, passando assim por uma ressignificação do conceito⁸.

Ao associar democracia e liberdade econômica sem tocar na questão do sistema capitalista adotado por ditaduras, o próprio Hayek expõe seu posicionamento no capítulo que discute a democracia em *O Caminho da Servidão*:

A democracia é, em essência, um meio, um instrumento utilitário para salvaguardar a paz interna e a liberdade individual (...). Tampouco devemos esquecer que muitas vezes houve mais liberdade cultural e espiritual sob os regimes autocráticos do que em certas democracias – e é concebível que, sob o governo de uma maioria muito homogênea e ortodoxa, o regime democrático possa ser tão opressor quanto a pior das ditaduras (HAYEK, 1994, p. 84).

⁸ Para Skinner, a questão básica vem a ser a do risco do anacronismo, sempre presente nas tradicionais histórias das teorias políticas e sociais. Este risco tanto existe em textos que tratam de conceitos gerais ou “universais”, como os de liberdade, justiça, igualdade, democracia etc., quanto em análises dos chamados “textos fundamentais” de “grandes pensadores”. Em um e outro caso, a abordagem tradicional mostra-se “incapaz de recuperar a identidade histórica precisa de um dado texto”. Desenvolvendo sua análise, Skinner sublinha um fato para ele essencial: os conceitos ou as “ideias” não se esgotam uma vez (re)conhecido o seu significado; é necessário saber quem os maneja e com quais objetivos, o que só é possível através do (re)conhecimento dos vocabulários políticos e sociais da respectiva época ou período histórico, a fim de que seja possível situar os “textos” no seu campo específico de “ação” ou de atividade intelectual (FALCON, 1998, p.146-147).

O descolamento do conceito de democracia de Maksoud pode ser observado em Hayek, quando o autor aponta que podem existir regimes autoritários que promovem mais liberdade aos cidadãos do que algumas democracias. Soa perigoso este argumento de Hayek, pois ele permite interpretar a democracia não como uma condição de liberdade política, reduzindo-a meramente à liberdade econômica de circulação e acumulação de capitais. Neste trecho, é possível compreender a argumentação de Maksoud na carta, ao desvincular democracia de liberdade política e resumi-la apenas à liberdade econômica, existindo uma despreocupação com as violações dos direitos humanos cometidos pelas ditaduras militares. O Brasil vivia o período controverso conhecido como reabertura política do Governo Geisel, porém Maksoud, ao discutir a democracia, estava buscando uma linha argumentativa despreocupada com as violências cometidas pelo terrorismo de Estado, ou com a ilegalidade de pessoas e partidos políticos que confrontavam o aparelho militar. Sua preocupação era o avanço das empresas estatais sobre a economia, que trazia incertezas a respeito do papel da iniciativa privada no processo de acumulação de capitais. Quando Maksoud se preocupa com o avanço do Estado sobre a economia, compreendemos por que, na carta, cita o Capitalismo de Estado como uma forma de socialismo, pois, tanto para Maksoud como para Hayek, qualquer forma de planificação do Estado, incluindo a expansão de empresas estatais, é um caminho para a instalação de regimes socialistas. A argumentação parece contraditória, pois, como ambos defenderam nos seus escritos, e como Hayek descreve na citação anterior, para eles, quanto menor é a intervenção do Estado na economia, maior é a liberdade democrática. O caminho das privatizações e da adoção do sistema de mercado pelos países, pela lógica estabelecida pelo autor, levaria à democracia; no entanto, não é o que observamos, por exemplo, no caso chileno sob o governo de Pinochet.

Não queremos dizer, contudo, que a ditadura leva inevitavelmente à abolição da liberdade, e sim que a planificação conduz à ditadura porque esta é o instrumento mais eficaz de coerção e de imposição de ideias, sendo, pois, essencial para que o planejamento em larga escala se torne possível. O conflito entre planificação e democracia decorre, simplesmente, do fato de que esta constitui um obstáculo à supressão da liberdade exigida pelo dirigismo econômico (HAYEK, 1994, p.84).

Hayek tenta abordar esta contradição no decorrer do capítulo, e de forma perigosa nega que as ditaduras levam à abolição da liberdade, colocando a planificação como o principal caminho dos estados de exceção. O uso impreciso de conceitos por Hayek provoca uma inversão de significados e, desta forma, ressignifica conceitos como: democracia, liberdade, planejamento e Estado

autoritário. Ao confundir democracia com Estado autoritário, coloca de um mesmo lado valores que eram antagônicos e direciona o planejamento como o oposto à democracia. Temos de um mesmo lado Estado autoritário, democracia e liberdade, o que é contraditório, porém, são aproximações operacionalizadas dentro da argumentação estabelecida por Hayek em *O Caminho da Servidão*:

Mas, ainda que a democracia deixe de ser uma garantia da liberdade individual, mesmo assim ela pode subsistir em um regime totalitário. Guardando embora a forma democrática, uma verdadeira “ditadura do proletariado” que dirigisse de maneira centralizada o sistema econômico provavelmente destruiria a liberdade pessoal de modo tão definitivo quanto qualquer autocracia (HAYEK, 1994, p. 84).

Hayek cita a “ditadura do proletariado”, referindo-se à categoria marxista como um exemplo de ascensão autoritária dentro de um regime democrático, argumentando que haveria restrição das liberdades individuais em democracias que escolhessem uma via contrária ao liberalismo econômico. Percebemos, quando o autor se refere ao planejamento centralizado, oriundo dos modelos de gestão socialistas e do planejamento estatal em economias que adotam a intervenção de tipo keynesiana, o posicionamento homogêneo e sem apresentar uma discussão mais aprofundada sobre o tema, igualando coisas distintas sob um mesmo rótulo. A “ditadura do proletariado” seria a principal vilã da liberdade individual a partir do modelo defendido por Hayek, e demonstra a polarização do seu pensamento ao garantir de forma contundente que os modelos centralizados e contrários ao livre mercado destruiriam as liberdades individuais mais do que uma autocracia que adota os preceitos econômicos liberais. Mais de trinta anos depois, as recomendações de Hayek foram acolhidas pela ditadura chilena de Augusto Pinochet, indo ao encontro do que foi defendido por Hayek no ano de 1944 em *O Caminho da Servidão*. Temos a primeira experiência da adoção de preceitos econômicos neoliberais não em uma democracia, mas sim em uma ditadura de um país periférico do capitalismo mundial. Posteriormente, países centrais do capitalismo adotaram o modelo, sendo aplicado por Margareth Thatcher na Inglaterra no final dos anos 1970 e nos Estados Unidos do governo Ronald Reagan durante os anos 1980. O movimento neoliberal ganha fôlego com a crise do Estado de bem-estar social como uma nova alternativa para as elites econômicas manterem sua hegemonia a partir de um novo modelo de Estado capitalista.

Consideramos que Hayek escreveu seu texto na Inglaterra do ano de 1944, em plena Segunda Guerra Mundial. Portanto, o autor pensava os processos que levaram à formação de ditaduras como

o Nazismo, Fascismo e Stalinismo, diferentemente do contexto em que Maksoud fez as leituras de Hayek e as apropriou para o contexto brasileiro de ditadura militar em 1977⁹. A utilização de palavras-chave como “democracia”, “liberdade”, “planejamento” e “exceção” são transferidas para o uso argumentativo de Maksoud, apontando para suas preocupações com o caso brasileiro, e operacionalizando estes conceitos no sentido de formar um posicionamento contrário à retórica do governo militar, que, enquanto falava em reabertura política, por outro lado, aumentava a sua intervenção na economia, preocupando homens ligados à iniciativa privada nacional, como Henry Maksoud¹⁰.

Percebemos a definição de “democracia” para Maksoud como derivada das discussões liberais/econômicas do período, principalmente a partir de *O Caminho da Servidão* de Hayek. Considerando que, em 1977, havia apenas a publicação de duas edições de *O Caminho da Servidão* pela Editora Globo nos anos de 1946 e 1977. Os outros livros de Hayek sem tradução no Brasil até então foram publicados pela Editora Visão, de Henry Maksoud, a partir dos anos 1980. Sendo traduzidas as obras *Os Fundamentos da Liberdade* (Visão, 1983) e os três volumes de *Direito, Legislação e Liberdade* (Visão, 1985).

As leituras de Hayek feitas por Henry Maksoud fomentaram o interesse do empresário de trazer o intelectual ao Brasil, bem como foram determinantes para os direcionamentos dos editoriais que escrevia para a Revista Visão, diante disto, percebemos a promoção do pensamento de Hayek em circuitos que ele ainda não se encontrava. Podemos pensar o mecanismo de penetração das ideias de Hayek no Brasil primeiramente através de seu livro *O Caminho da Servidão*, em segundo lugar após um avanço do pensamento do autor transcrito nos editoriais de Maksoud e outros jornais e revistas do período, até sua maior popularização com as vindas de Hayek ao Brasil entre 1977 e 1981. Este

⁹ O historiador começa agora a concentrar sua atenção sobre outros textos, escritos e publicados pelos que leram o texto considerado em primeira instância e que estavam respondendo direta ou indiretamente a ele. Sua principal necessidade é compreender como as inovações do primeiro autor, selecionadas em meio ao restante de seus atos de fala, puderam se impor aos leitores, de maneira a compeli-los a respostas congruentes com essas inovações. Ele começa por pressupor que uma enunciação atua sobre a consciência de seu receptor, que o que é lido não pode ser des-lido. Há algo de unilateral no ato de comunicação, que não se realiza por completo entre adultos em comum acordo (POCOCK, 2003, p.44).

¹⁰ Um conhecimento da história de tais ideias pode nos mostrar a medida na qual estas características e nossas próprias organizações, que estamos dispostos a aceitar como verdades “atemporais”, podem ser pouco mais do que contingências de nossa história local e nossa estrutura social. Descobrir, a partir da história do pensamento, que de fato não existem tais conceitos atemporais, mas somente a variedade de conceitos diferentes que existiram em diferentes sociedades, é descobrir uma verdade geral não só sobre o passado, mas sobre nós mesmos (SKINNER, 2017, p.398).

período é crucial nas discussões a respeito dos caminhos que a ditadura militar iria seguir e como parte das elites empresariais nacionais passavam a formar um projeto de sociedade para a transição democrática. A adoção do pensamento de Hayek parece ser a saída encontrada por Henry Maksoud para se contrapor ao avanço do capital estatal, não pensando a democracia como um valor a ser conquistado socialmente pela população brasileira, mas apenas um valor referente ao capital e sua liberdade de circulação e acumulação¹¹. A relação de Maksoud com as obras de Hayek também se evidencia na carta: “Estes são apenas alguns pensamentos. Espero ouvir de você. Também devo dizer que leio e admiro seus escritos. Também gosto de ler Popper, Von Mises e Schumpeter entre outros” (MAKSOU, 1977).

Ao citar a leitura de outros autores além de Hayek, conseguimos delimitar as demais leituras feitas por Maksoud, com um núcleo de pensadores que compartilham da mesma visão a respeito da economia e oriundos da escola austríaca como Joseph Schumpeter, Karl Popper e Von Mises, todos entre os principais nomes da sociedade Mont Pèlerin, fundada por Hayek em 1947. A sociedade Mont Pèlerin, existindo por décadas, foi inicialmente formada por três vertentes, sendo uma delas o ordoliberalismo alemão, a outra a corrente monetarista de Milton Friedman, consolidada com a Escola de Chicago, e da qual, mais tarde, Hayek faria parte, e a vertente da Escola Austríaca, que nos anos 1940 era formada por Hayek e Von Mises, principalmente. Notamos, a partir da citação destes autores, o alinhamento de Maksoud, principalmente a partir dos austríacos, pois em nenhum momento da carta aparecem citações ou menções a ideias de economistas neoliberais de outras vertentes.

O combate de Henry Maksoud contra o avanço do Estado sobre a economia através dos planos de desenvolvimento de Ernesto Geisel é confundido com o coletivismo apontado por Hayek em *O Caminho da Servidão*. Ou seja, Maksoud se apropria e ressignifica o pensamento de Hayek para pensar as ações do governo militar como anti-democráticas, restringindo a análise apenas ao campo econômico. Compreendo que temos dois contextos diferentes, o colocado por Hayek em 1944 e o

¹¹ Tem-se dito, em objeção à posição de Skinner, que as palavras de um autor não são dele próprio, que a linguagem que ele usa para efetivar suas intenções pode ser tomada dele e utilizada por terceiros em vista de outros efeitos. Até certo ponto isso é inerente à natureza da própria linguagem. A linguagem que um autor emprega já está em uso. Foi utilizada e está sendo utilizada para enunciar intenções outras que não as suas. Sob esse aspecto, um autor é tanto o expropriador, tomando a linguagem de outros e usando-a para seus próprios fins, quanto o inovador que atua sobre a linguagem de maneira a induzir momentâneas ou duradouras mudanças na forma como ela é usada (POPOCK, 2003, p.29).

defendido por Maksoud a partir do pensamento do austríaco em 1977. Ao fazer a leitura de Hayek, Maksoud primeiramente passa pelo duplo eclipse da leitura, em que, não estabelecendo uma conversa com o autor, mas ao ter contato com as obras, passa a ter seu pensamento orientado pelo autor e reapropriado no contexto no qual está atuando. David Harlan trata desta questão ao apontar que:

Não há diálogo entre escritor e leitor: o leitor não interroga o escritor, e o escritor não responde ao leitor. Como explicou Paul Ricoeur em *Hermeneutics and the Human Sciences*, “o leitor está ausente do ato de escrever; o escritor está ausente do ato de ler. O texto produz, portanto, um duplo eclipse de leitor e escritor” (HARLAN, 2000, p.23).

O duplo eclipse entre escritor e leitor(es) foi marcante neste primeiro momento de popularização entre o meio empresarial do pensamento de Hayek no Brasil através da leitura de seus livros. Em um segundo momento, já com as visitas e palestras do economista austríaco, entre 1977 e 1981, o duplo eclipse é rompido, pois o escritor estabelece diálogos com seus leitores e defensores do seu pensamento, passando também a fazer parte do contexto em que suas ideias estão sendo discutidas e dialogadas com o próprio autor. Este primeiro momento de duplo eclipse serve para compreendermos os posicionamentos de Maksoud e entender por que o empresário se posiciona contra o capital estatal, pois é estabelecido um limite dicotômico em que nenhum modelo diferente do neoliberalismo é possível para a sobrevivência do capitalismo, sendo todas as outras formas restritivas da liberdade individual e associadas aos estados de exceção:

Sob diversos aspectos, esta é uma formulação muito clara da questão básica, que nos conduz diretamente ao ponto em que a liberdade individual entra em conflito com o coletivismo. Os vários gêneros de coletivismo – comunismo, fascismo, etc. – diferem entre si quanto ao fim para o qual pretendem dirigir os esforços da sociedade. Todos eles, porém, se distinguem do liberalismo e do individualismo por pretenderem organizar a sociedade inteira e todos os seus recursos visando a essa finalidade única e por se negarem a reconhecer esferas autônomas em que os objetivos individuais são soberanos (HAYEK, 1994, p.74).

O autor contrapõe liberdade individual e coletivismo, também de forma dualista, pois coloca dentro do mesmo espectro político comunismo e fascismo, sem fazer as devidas distinções aproximando regimes de exceção organizados a partir de movimentos políticos antagônicos. Através destas simplificações e composições podemos entender o uso impreciso do discurso do senso comum contemporâneo que tenta aproximar o nazismo e o fascismo como regimes originários de

matrizes do pensamento de esquerda, quando na verdade são constituídos de pensamentos políticos opostos.

Com a passagem em que Hayek observa que a democracia só é possível com a adoção do capitalismo, excluindo qualquer outra forma de coexistência democrática com o planejamento estatal:

O governo democrático funcionou de modo satisfatório nos casos em que, por força de uma convicção amplamente difundida, as funções governamentais se restringiram aos campos em que se podia alcançar um acordo de maioria pelo livre debate – e só funcionou enquanto isso foi possível. O grande mérito da doutrina liberal é ter reduzido a gama de questões que dependem de consenso a proporções adequadas a uma sociedade de homens livres. Muitos dizem, no atual momento, que a democracia não tolerará o “capitalismo”. Se na acepção dessas pessoas “capitalismo” significa um sistema de concorrência baseado no direito de dispor livremente da propriedade privada, é muito mais importante compreender que só no âmbito de tal sistema a democracia se torna possível (HAYEK, 1994, p.83).

Através da citação, reforço o posicionamento de Hayek a respeito da relação entre democracia e capitalismo, restringindo o conceito ao campo econômico, mais uma vez em nenhum momento o autor fala em democracia no sentido da liberdade política e conquista dos direitos humanos, algo tão caro se considerarmos o momento histórico em que Hayek escreveu o livro. A preocupação do pensador se ampara na construção de uma sociedade utópica em que o Estado é retirado de todas as suas funções de amparo social e colocado como vilão da liberdade, pois, para o autor, estas funções não são democráticas, mas sim ações que levam ao totalitarismo. A forma com que Hayek molda e muda sentidos consolidados de conceitos já amplamente discutidos nos anos 1940 e que afloram como demandas sociais em períodos de guerra, faz com que uma obra como *O Caminho da Servidão*, se apropriada e interpretada a outra realidade, como no caso do Brasil no ano de 1977, adquira um caráter de fomentar ainda maiores desequilíbrios sociais entre os detentores do capital e a população trabalhadora e carente.

Quando empresários, como Henry Maksoud, passam a ter contato com o pensamento de Hayek, projetam uma sociedade em que a democracia está restrita à manutenção e ampliação do poder econômico das elites e, com isto, as pautas para a redemocratização deixam de fora demandas sociais, e esvazia ainda mais as responsabilidades do Estado no que se refere ao planejamento do desenvolvimento econômico. As intenções evidenciadas por Maksoud fazem sentido apenas para os grupos dominantes, pois, na crise do Estado de bem-estar social dos países centrais do capitalismo europeu, a adoção da retórica do Estado Mínimo é conveniente, redirecionando as funções do

Estado no sentido em que privilegiem as elites¹². A liberdade também é deturpada, pois a liberdade de investimento e de consumo é a liberdade valorizada, nem Hayek e nem Maksoud defendem a liberdade de pensamento, artística, de credo, e muito menos política, até porque, para eles, a única dimensão da democracia válida é a econômica. Hayek esvazia conceitos que garantem os direitos do cidadão, pois, restringir valores como liberdade e democracia minam a singularidade e a pluralidade que marcou a formulação e a discussão destes conceitos. O caminho para a servidão parece estar muito mais presente no que Hayek defende em seus argumentos do que no que ele critica, pois, reduzir a liberdade das pessoas e a democracia apenas ao aspecto econômico delimita e homogeneiza os sujeitos, esvaziando seus potenciais criativos, suas singularidades e desamparando-as com a adoção do Estado mínimo.

Após a exposição de diversos trechos de *O Caminho da Servidão* para demonstrar o que é a democracia para Hayek, irei complementar a visão de Henry Maksoud sobre o tema com mais alguns trechos da carta enviada pelo brasileiro para o economista austríaco. Maksoud após assumir para si as visões de Hayek sobre a democracia, expressa na carta sua preocupação sobre a incompreensão da maioria dos brasileiros a respeito do que seria a “democracia” neoliberal:

Temos que admitir com profundo pesar e preocupação que muito poucos brasileiros, funcionários do governo ou cidadãos comuns têm uma noção inequívoca do que significa democracia. A confusão existente no mundo também está presente em seu país. As pessoas não entendem, principalmente, no contexto da democracia, as inter-relações entre os aspectos econômicos e políticos ou, em outras palavras, a importância de limites claros entre as fontes de riqueza e o poder governamental. O Estado no Brasil controla uma parte importante da economia. Dependendo do setor, temos números entre 50% e 75% (MAKSOUND, 1977).

Maksoud coloca na carta que existe uma suposta confusão a nível mundial, a qual também é replicada no Brasil quando o assunto é democracia. Compreendemos agora porque Maksoud faz questão de usar sua publicação, a Revista Visão, para apresentar e discutir assuntos pertinentes ao

¹² Podemos, por exemplo, pensar no autor, caso se trate de uma presença suficientemente dominante, como uma Penélope de dia, entrelaçando os idiomas em uma única peça de tapeçaria e criando uma imagem unitária; mas também podemos perfeitamente pensar nos leitores do texto (que de forma alguma precisam ser tão sofisticados quanto o autor) como uma Penélope de noite, desfiando o desenho e reduzindo-o a uma seleção de idiomas e enunciações. Há autores astutos o bastante para prever e explorar a diversidade das respostas dos leitores, mas nenhum, suspeitamos, que tenha sido capaz de prever todas as respostas que seu texto viria a provocar. Tanto o passado quanto o futuro de um texto, vistos historicamente, nos fornecem campo para sublinhar a diversidade e a heterogeneidade das enunciações que ele pode estar efetuando ou ter efetuado (POCOCK, 2003, p.74).

tema exposto na carta. Como Maksoud tem em mãos uma importante ferramenta de divulgação das ideias de Hayek não exita em usá-la amplamente, tanto que o assunto “democracia” e “liberdade”, ambos associados ou discutidos separadamente de forma regular são usados pelos articulista em seus editoriais. Maksoud realiza uma espécie de cruzada para divulgar o pensamento de Hayek no Brasil, e demonstra seu esforço para seu guru intelectual, pois, parece ser importante para Maksoud a aprovação de Hayek em relação a suas ideias e atitudes em replicar o pensamento do austríaco no país¹³. Henry Maksoud se vê na missão de desfazer esta suposta “confusão” no Brasil, e considerando que a Revista Visão tinha uma boa remessa de exemplares, estimados em 1971 em 90 mil assinantes, fora os exemplares vendidos em bancas de jornal, Maksoud acreditava que a ampla divulgação do pensamento hayekiano poderia ser aceito entre seus leitores, os quais, além de homens de negócio e simpatizantes do liberalismo, ainda tinham funcionários públicos, estudantes universitários e políticos, os quais poderiam se posicionar ao lado das teses defendidas por Maksoud com a chancela intelectual de Hayek.

Destaca na carta o grande domínio do capital estatal no Brasil, citando números como 50% a 75% dependendo do setor. Neste tópico Maksoud não aprofunda e nem problematiza os motivos pelos quais o Estado é presente com investimentos internos. O Brasil passava por uma crescente crise impulsionada pela inflação, e a industrialização nacional era basicamente puxada ou pelo investimento internacional, que estava se retraindo após a crise do petróleo em 1974, e o capital privado nacional também sentia os efeitos da retração econômica, vide o encolhimento do Produto Interno Bruto brasileiro após o desgaste do “milagre econômico (1967-1973)”. Cabia ao Estado, sob o comando de Delfim Netto, utilizar uma política econômica desenvolvimentista para favorecer a industrialização brasileira. No entanto, a ampliação da participação do Estado na economia, mesmo com o intuito de promover uma crescente industrialização e fomentar a economia com o aumento dos gastos fiscais, era vista por Maksoud, que adotava as lentes teóricas de Hayek, como um modelo contrário aos preceitos democráticos neoliberais, pois, como Hayek acreditava qualquer ampliação do Estado sobre a economia era um caminho para a servidão. Maksoud desta forma queria “abrir os

¹³Há um clima agora para discussões sobre o assunto. Nossa revista tem repetido permanentemente os fundamentos da liberdade individual, iniciativa privada, democracia, etc., há vários anos e agora já temos um público bastante significativo e mais pessoas pensando e falando sobre o assunto (MAKSLOUD, 1977).

olhos” dos leitores de sua revista a respeito da correlação construída por Hayek entre aumento do Estado sobre a economia e a emergência de um Estado totalitário.

Em seguida, Henry Maksoud continua sua argumentação se referindo aos setores da sociedade que não compreendem o que é a democracia, novamente colocando a livre iniciativa acima das outras características de um sistema democrático, no qual também é configurado pela liberdade de expressão, porém, para Maksoud a liberdade econômica está acima de qualquer outra liberdade, assim como a mesma premissa é válida para Hayek:

Há muitas pessoas responsáveis em nosso país que ainda não entendem o que é democracia e sua relação com a livre iniciativa e não apenas com a liberdade de expressão. Alguns temem que a democracia confunda com desordem. Outros pensam que o subdesenvolvimento e a democracia são incompatíveis. Em suma, sentimentos contraditórios existem contra a democracia. No entanto, a pior reação é que democracia significa apenas "política" aberta que se pensa ser "liberalismo", sem preocupação com o cerne da questão que é econômica, isto é, a democracia é baseada na liberdade ampla, mas não apenas na liberdade de expressão, liberdade para os intelectuais mas também (e basicamente), na liberdade de iniciativa ou liberdade dos "fazedores" (para usar seus próprios pensamentos)(MAKSOUND, 1977).

Maksoud faz a distinção entre dois grupos, de um lado os fazedores, em que coloca os defensores da livre iniciativa, e de outro lado coloca os intelectuais, que pensam a democracia como o acesso à liberdade de expressão, dentre outras formas de manifestação. O centro da discussão “democrática” para Maksoud ao utilizar os referenciais de Hayek resume-se ao econômico, e isto está expresso no trecho selecionado ao colocar como o “cerne da questão que é econômica”. Considero que uma discussão a respeito da democracia em um país como o Brasil, que iniciava um processo de reabertura deveria ser mais inclusiva ao considerar que a economia não era a única vertente, principalmente porque vários intelectuais e artistas foram afetados por ações repressivas, sobretudo nos anos de chumbo com a entrada em vigor do AI-5. Maksoud deixa de lado os intelectuais, colocando a liberdade econômica acima da liberdade de expressão simplesmente porque para ele a liberdade dos chamados “fazedores” deve ser maior que a liberdade dos que “apenas” escrevem ou pensam. É uma visão de uma democracia um tanto elitista, em que o econômico supera as outras formas de liberdade, e este era o projeto democrático do empresário Henry Maksoud, que ao copiar Hayek pretendia preparar a mentalidade de seus leitores para este programa constitucional. Ou seja, uma reabertura direcionada para a elite econômica, mantendo a livre iniciativa acima de todas as

outras liberdades humanas. Uma visão não apenas neoliberal, mas também extremamente individualizante, em que o capital econômico se sobrepõe à coletividade e a livre expressão cultural e política. Não é de se estranhar que Hayek cita que a liberdade econômica é a maior que as liberdades, inclusive maior que a liberdade política, podendo um país ser mais livre em uma ditadura do que em uma democracia. Por fim, Maksoud continua a deturpar o conceito de democracia deslegitimando as lutas de outros setores da sociedade que buscavam uma forma de democracia inclusiva, e não a democracia excludente professada por Henry Maksoud:

Analisando em profundidade o que muitos políticos dizem, ou o que lemos e ouvimos de muitos intelectuais - jornalistas, escritores, diretores de cinema, professores, etc. - chegamos à triste conclusão de que aqueles de quem mais ouvimos ou lemos sobre direitos humanos e liberdade, falta uma noção clara do que deveria ou poderia ser, no Brasil, um regime democrático (MAKSLOUD, 1977).

A ideia de democracia é bem delimitada por Maksoud na carta para Hayek, criticando setores da sociedade que lutavam por liberdade, inclusive arriscando suas próprias vidas, para defender a hegemonia econômica dos seus pares, ou seja, dos representantes do capital privado nacional, uma visão mesquinha do verdadeiro ideal democrático. A única referência à democracia válida para Maksoud era a colocada por Hayek em *O Caminho da Servidão*, e procurou na carta ser bem fiel a ela. Maksoud segue à risca a em suas argumentações aos ensinamentos de Hayek em *O Caminho da Servidão*, e a carta enviada, mais que uma expressão das ideias de Maksoud também era uma forma de demonstrar para Hayek que ele tinha um seguidor fiel em terras brasileiras.

Considerações finais

Este artigo foi dividido em duas partes, a primeira buscou discutir o alinhamento teórico e metodológico do objeto de estudos, ou seja, a inserção do pensamento de Hayek no Brasil a partir de suas obras e visitas com o campo historiográfico da História das Ideias. Para tal objetivo discutimos inicialmente as possibilidades e os limites do campo teórico, correlacionando com o fenômeno histórico que envolve a recepção do pensamento de Hayek e os posteriores projetos de sociedade que as elites empresariais brasileiras idealizaram no período de transição da ditadura militar para a democracia. A aceitação do pensamento de Hayek estava envolta também de um contexto mais amplo, em que os empresários nacionais viram a oportunidade de propor um novo projeto de sociedade que pudesse manter a hegemonia do capital privado nacional em meio ao avanço das estatais e do capital internacional. Diante de tal cenário, e considerando as possibilidades teóricas da

História das Ideias, me aprofundi na discussão de autores do contextualismo inglês, com John Pocock e Quentin Skinner.

Após realizada a discussão da primeira parte, em que busquei aprofundar a discussão teórica, na segunda parte, parti para uma análise preliminar de duas fontes que compõem um rol maior de documentos que irão compor um estudo de maior profundidade. Para tal empreitada, relacionei dois textos, o primeiro através de trechos selecionados do capítulo 5, da obra *O Caminho da Servidão* de Friedrich August von Hayek, e o segundo texto referente a trechos da carta enviada por Henry Maksoud para Friedrich von Hayek em setembro de 1977, em que Maksoud constrói sua argumentação baseando-se nos conceitos desenvolvidos por Hayek. Meu objetivo foi identificar os traços em comum nas narrativas, percebendo como Maksoud desenvolveu sua argumentação na carta estabelecendo uma correspondência teórica com o pensamento de Hayek através da semelhança argumentativa e do alinhamento ideológico ao pensar a democracia do ponto de vista da liberdade econômica e contrária a qualquer forma de estatização.

Devo lembrar que Maksoud, no intuito de trazer Hayek ao Brasil, iria tomar os cuidados necessários para alinhar seu discurso com o de Hayek no sentido de persuadir o austríaco para vir ao país, e, logicamente, estabeleceria na carta uma narrativa que tratasse de elogiá-lo e convencê-lo que sua teoria estava sendo bem aceita no Brasil. No entanto, a escolha de Hayek e não de outro intelectual neoliberal para vir ao Brasil revela o interesse das elites empresariais nacionais em propor um novo projeto econômico para o país em que o pensamento do austríaco seria a base para um modelo que visaria substituir o desenvolvimentismo estatal, garantindo a hegemonia dos empresários nacionais.

Fontes

HAYEK, Friedrich August Von. **O Caminho da Servidão**. Trad. José Ítallo Stelle; Ana Maria Capovilla. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

Correspondence to MAKSOUD, Henry and Ilde, Friedrich A. von Hayek papers, Box nº36, Folder nº32, Hoover Institution Archives.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. In: **Escrita de si/Escrita da História**. São Paulo: Revista Estudos Históricos, v.21, 1998.

- BARROS, José D'Assunção. **História Cultural e História das ideias – em torno de um domínio historiográfico.** História em reflexão, v. 21, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- CAMPOS, Roberto. **A Lanterna na Popa.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **O Pensamento Latino-Americano no século XX: Tomo II – Da Cepal ao neoliberalismo (1950-1990).** Trad. Gilmar Antonio Bedin e Joice Graciele Nielsson. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.
- FALCON, Francisco. **História das ideias.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história.** Rio de Janeiro, Campus, 1998, p. 91-125.
- GRAFTON, Anthony. **La historia de las ideas: preceptos y prácticas, 1950-2000 y más allá.** Buenos Aires: Prismas - Revista de Historia Intelectual, vol. 11, núm. 2, diciembre, 2007, pp. 123-148.
- HARLAN, David. **A história intelectual e o retorno da literatura.** In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas, SP: UNICAMP, 2000, p. 17-62.
- LACAPRA, Dominick. **Repensar la historia intelectual y leer textos.** In: PALTÍ, Elías José (org.). **Giro lingüístico e historia intelectual.** Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 237-293.
- MALATIAN, Teresa. **Cartas: Narrador, Registo e Arquivo.** In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. **O Historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2017.
- PALTÍ, Elías José. **“Giro lingüístico” e historia intelectual.** In: PALTÍ, Elías José (org.). **Giro lingüístico e historia intelectual.** Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.
- POCOCK, John.G.A. **Linguagens do Ideário Político.** Trad. Fábio Fernandez. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- POCOCK, John. G.A. **Pensamiento político e historia: ensayos sobre teoría y método.** Trad. Sandra Chaparro Martínez. Madrid: Akal, 2011.
- ROIZ, Diogo da Silva. **Linguagem, cultura e conhecimento histórico.** Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SILVA, Rodrigo Oliveira. **História das ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico.** In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS. Vol. 7 Nº 13, julho de 2015. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/300> Acesso em 15 nov.19.

SKINNER, Quentin. **Significado e interpretação na História das Ideias.** Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017. Tradução de: **Meaning and Understanding in the History of Ideas.** In: SKINNER, Quentin. **Visions of Politics.** Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I, cap. 4, p. 57- 89

SKINNER, Quentin. **Visões da política sobre o método histórico.** Algés: Difusão editorial, 2005.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VELASCO E CRUZ, Sebastião. **Trajetórias: capitalismo neoliberal e reformas econômicas nos países da periferia.** São Paulo: Editora Unesp